

Ozorio o Bayard do Novo Mundo

Pelo Capitão Dr. Carlos Sudá de Andrade

Nunca um homem se identificou tanto a sua Pátria; serviu-a tanto, amou-a tanto; sintetizou, pelas suas excelsas qualidades pessoais, as virtudes paradigmáticas da raça, como Ozório, o Bayard do Novo Mundo.

E aquela lança que Bento Manoel lhe legara, no fragor da Batalha, nas sangas de Sarandi, e bem a herança histórica da bravura, da audácia, do heroísmo, das gentes riograndenses, aquela lança simbólica que havia de ser, em toda a vida de Ozorio, o próprio signo da glória!

O lanceiro adolescente, de cabelos alourados, ouve ainda esfogueado da peleja cruenta do velho guerrilheiro audaz, estas palavras proféticas que paranifaram o seu batismo de fogo — “Alferes, hei de legar-lhe a minha lança, porque a levará onde a tenho levado”!

E Ozorio a levou triunfal, por toda a vida, até Ituzaingo, entre os Farrapos, até Monte-Caseros, Passo da Pátria, até Tuiuti; Estero-Belaco até a batalha do Avaí onde a glória, além da vitória magnífica, lhe condecorára com a graça rútila dos guerrilheiros; — a ferida jovante em plena luta;

E aquela ferida, no rosto varonil, era como um beijo de luz com que os deuses da vitória coroaram, no ancião audaz e intemerato, nunca desmentidas, aquela bravura, aquele impeto leonino, aquela chama ardente, do lanceiro adolescente das sangas de Sarandi!

Nunca um homem se identificou tanto com a sua Pátria!

Quem não conhece, a história daqueles dias agitados de Guerra da independência, da guerra da Cisplatina, da Caudilhagem de Rosas, de Flôres; quem não conhece a história das “Califórnicas” do Sul; quem não prevê, ante os lances episódicos, trágicos, rubros, gloriosos dos entreveros farroupilhas, quem não vibra, uma a uma, pelas vitórias soberbas contra o despostimo desvairado de Solano Lopez?! A vida de Manoel Luiz Ozorio, — é a própria história da Pátria neste longo período nacional. Em toda aquela rubra aquarela de guerra, a sua figura marcial, digna, sempre fiél à nossa bandeira, se destaca, toma corpo e se agiganta, como um exemplo sin-

gular de lealdade, de sacrifício, de dedicação, à causa sagrada da Unidade Nacional e a sua intangível soberania!

Aos 17 anos é soldado e soldado foi toda a vida, atingindo à paridade hierárquica do Duque de Caxias, — o Supremo patrono do exército brasileiro!

Nunca teve descanso, nem desânimos na sua agitada vida de guerreiro.

Nas savanas do sul batidas pelo minuano, e pelo tropel das correrias guerreiras da jornada audaz, a sua lança, como tenente ou como general, era a própria lança da Pátria, na defeza da lei e da ordem, guarda das nossas fronteiras, e vingadora constante das pelezas fronteiriças!

O seu próprio nome era um fim de guerra.

“Viva o General Ozorio”! E a soldadesca se inflama, selvagem, invencível, indomável, eletrizada, nas cargas infernais que tudo levam de roldão, como se o próprio gênio da guerra a impelisse para o triunfo, decisivo e fulminante! E esses soldados eram filhos de todas as terras do Brasil, do Norte e do Sul, do Leste e do Oeste!

Nascido de berço humilde, mas honrado, sem nunca ter podido ilustrar a sua clara inteligência, em estudos regulares, ele aprende, na escola da vida e do sofrimento, — os grandes mestres dos homens, a suprema sabedoria da lealdade, da probidade, da honra, do civismo, da simplicidade, das virtudes cardeais da dignidade humana!

E precisava aprender mais o Centauro dos Pampas?!

Febril foi a sua vida, tal qual a vida da sua Pátria, naqueles intranquilos dias iniciais da sua história de Nação Independente.

Como que se identificam, como que Ozorio reflete, naquela moldura épica, todo o senso de equilíbrio, de unidade política e moral, todos os anseios, toda a fé, todos os fermentes desejos de se criar, uma, ordeira, fecunda, e gloriosa, como, mercê de Deus, ela tem sido e será pela consumação dos séculos!

Naquele febril e permanente acampamento da Pátria que é, que tem sido, a terra riograndense, a vida de Ozorio, pelo muito que lutou e sofreu, pelo muito que construiu, com os impulsos magnânicos do seu coração e da sua intrépida bravura, se identifica com a própria história da Nação brasileira!

Serviu-a tanto; amou-a tanto!

Mas esses serviços de sacrifício e de renúncia, esse grande amor lhes retribuiu à Pátria!

O gauchito que herdára a lança legendária de Bento Manoel, foi Marechal do Exército brasileiro; foi senador do Império, chefe do partido liberal da sua terra; foi ministro da guerra, foi o Marquês de Herval! O seu nome veterano de tantas batalhas e de fulgidas vitórias era o ídolo do Brasil inteiro! E o seu corpo, dorme, hoje numa cripta, sob a estátua do vencedor de Tuiuti, na capital da República, onde, todos os anos, no dia 24 de Maio, os soldados do Brasil, desfilam, orgulhosos, em continência ao chefe incomparável que há de lhes dizer, lá da eternidade, como outróra, no Paraguai: — “Avante, leões”: Ozorio sintetizou pelas suas excelsas qualidades pessoais, as virtudes paradígmicas da raça!

Fisicamente belo, corpulento, sadio, mediano de estatura; mais belo era ainda de feição moral.

Filho digno e zeloso, esposo exemplar e amantíssimo e estremoso pai; as suas virtudes de cidadão deram-lhe o esplendor de um varão de Plutarcho.

Se era soldado perfeito; perfeito cidadão também o era, cioso de seus direitos cívicos e das suas prerrogativas de brasileiro!

D. Pedro II manda-lhe perguntar, por Caxias, se não lhe era possível deixar de ser tão político.

Ozorio, abraçado ao velho camarada e amigo e chefe, retruca-lhe: —

“Diga-lhe que não, enquanto a lei não me privar dos direitos de cidadão brasileiro”.

Na mocidade, Ozorio tivera uma paixão:

Ama, a linda Ana, da sociedade de Rio Pardo por quem se encheu de amores. Apaixonados, um pelo outro, opõe-se à família dela por ser pobre e soldado o candidato. Ele é destacado para fronteira, por influência de pessoas amigas da sua eleita. Ela é sequestrada por parente rico a quem a família protege. Fiéis um ao outro, suportaram, entretanto as agruras do destino adverso. Mas daí, as fadas benfazejas que nunca negaram a Ozorio, as graças da sua bonança, traem-no, fazendo perder a única batalha da sua vida.

“Haveria muito que o tenente Ozorio não tinha notícias de Ana, e uma tarde, sentado à porta do seu rancho de palha na fronteira, viu aproximar-se um vulto à cavalo, que daí a minutos chegou; apeou-se e perguntando por seu nome, entrega-lhe uma carta que trazia envolta em comprido lenço amarrado à cintura”:

Ozorio abriu-a e leu-a. Era de Ana. Contava-lhe tudo o que consigo ocorrêra depois da sua saída de Rio Pardo. Desmentia os boatos de que o houvesse esquecido por amor a

outrem. Afirmava a sua amizade e lealdade, queixava-se dos pais e por fim suplicava: — “Se me amas ainda, vem, buscar-me; eu fugirei contigo. Acompanhar-te-hei para qualquer parte do mundo. Atende. Não demores que poderás chegar tarde”. Ao terminar a leitura da carta, notára Ozorio que ela trazia a data atrasada de um mês e interrogara o portador pela razão de tão grande demora.

Explicou-se êste que adoecera em caminho e não fizera a remessa da carta porque tivera ordem de entregá-la pessoalmente. Contou-lhe ainda que os parentes de Ana iam forçá-la ao casamento com parente rico dentro de poucos dias. A vista de tal demora teve Ozorio, o pressentimento de que, atendendo ao chamado de Ana, já chegaria tarde demais a Rio Pardo, sem tempo de salvá-la.

Entretanto, resolveu partir.

Na mesma tarde fez voltar o portador com o competente aviso para ser esperado e dentro da carta que lhe escrevêra, incluiu a seguinte poesia:

Não Chames a morte, ingrata.
chama teu bem, dá-lhe os braços.

.....

Minha vida se dilata
Só para ser teu amado
Por não me vêr a teu lado
Não chames a morte, ingrata.
Não chames quem arrebatata
E suspende amantes passos.
Aperta amorosos laços
em vêz de chamar a morte,
Muda a minha infeliz sorte
Chama teu bem, dá-lhe os braços!

No dia seguinte, ao alvorecer, seguiu o caminho de Rio Pardo. Com efeito, não se enganára no seu pressentimento. Tarde, muito tarde, chegára à cidadezinha onde morava a sua eleita. Ana havia casado na vespéra. Soubêra-o às portas da vila e daí mesmo retrocedera caminho, rumo ao seu posto na fronteira. Algum tempo depois, voltando do destacamento, substituído por outro, soube de tôda a triste verdade. Ana, meiga e sensível, obediente ao despotismo paterno, fôra iludida com a falsa notícia de sua morte, notícia em

que acreditava, por não haver recebido, a tempo, a contestação da sua carta desesperada...

Assim floriu, entre verbenas de préces e de amargas saudades, o primeiro romance de amor na vida de Ozorio. Para êle, tudo estava acabado. Não o estava, entretanto, para a desventurada e linda Ana.

Poucos anos depois, ao lhe amortalharem o corpo frio e inerte, viram olhos piedosos, escrito na sua própria carne, como um estranho gilvaz, arrouxiado pelo tempo do lado do coração, êste nome tão querido! — Ozorio!

E foi assim que o brávo dos bravos perdera a única batalha da sua vida, talvez a mais empolgante porque ela era aquela dôce Ana, por quem se incendiára o seu generoso coração, por quem o seu estro poético, instintivo e sentimental, se expandira, como num rápido, nas trévas cálidas do seu sangue e nos arremessos nervosos dos seus intrépidos vinte anos!

Nunca, em tôda vida, as cantilenas as baládas do guerreiro-poeta, puderam calar, o suave enlevo daquele romance, que feneceu como feneceram as rosas vivas, que vivem ao luar e cujas pétalas macias e perfumadas o sol ardente da vida, uma por uma, queima e cáustica impiedosamente!

No dia 24 de maio, comemora a Pátria a data gloriosa de Tuiutí, a maior batalha campal da América do Sul, na qual, Ozorio, o centauro dos pampas, fôra, entre tantos bravos, entre tantos intrépidos soldados, o bravo dos bravos, — o eleito predilêto da Vitória!

Raiava serena e rósea, a madrugada de 24 de Maio de 1866, no acampamento de Tuiutí, naqueles paús e velados fronteiros às selvas guaranis, por detraz das quais, o exército inimigo se entricheirára, depois, dos arrancos espartanos de Estero-Beleco, um silêncio pesado, profundo, nas linhas paraguaias, ocultas no matagal imenso que como uma cortina verde e impenetrável ficha, em semi-circulo, o horizonte, presagiava, entretanto, a emboscada.

Sol no zenith! Apoteose de luz, domando as águas dos poteiros e escaldando a soldadesca descuidada, entregue à faina diária e ao descanço justo daquela marcha triunfal e ininterrupta pelas barrancas do Paraná, pelos juncais e pelos pântanos pestilentos, em pleno território paraguaio! Rumor, festa, descanço, alegria e glória, no acampamento das armas de Aliança!

De súbito, o silvo agudo de um foguête explôde no espaço, e como que, movidos por um demônio oculto, das entranhas misteriosas daquelas matas sombrias, surgem furio-

samente, ondas e ondas sucessivas de inimigos, saltando os valados e apertando, vertiginosamente no golpe de surpresa, pelos flancos e pelo centro, o exercito das três bandeiras...

Era um anel formidável de fogo e de ferro, de ódio e de morte que as forças adversas de Diaz, de Marco, de Resquin e de Barrios apertavam contra aqueles soldados que Ozorio, entre tantos outros denodados generais, iria levar, à imortalidade!

Retinem as lâncas, as baionetas no entrechoque formidável. E no meio da lama, do sangue dos guerreiros feridos, do vomitar da metralha, as cavalarias se cruzam num entrevero espetacular, dançando um sarçais, na gangrena dos pântanos, o épico bailado das batalhas! "Malet, com o boi de botas atirando a zero", é o ponto de apôio da peleja. A divisão encouraçada de Sampaio, como uma fortaleza de bronze, no centro do cenário dantesco não arreda pé do lugar, os mortos unidos aos vivos, com aqueles guerreiros antigos das Termópilas!

Ozorio, de lança em punho, aquela lança de Sarandy, valoroso, inegalável, de um lado para o outro, é o próprio gênio da vitória, eletrisando pelo exemplo formidável da audácia e da bravura, àquela soldadesca incomparável!

Num ímpeto decisivo, êle, à frente de duzentos oficiais transformados em lanceiros, carrega pelos flancos inimigos, furando-os à lança e cortando-as à espada! A sua figura varonil domina o panorama da batalha. Salva tudo! E' o chefe que surge, espontâneo, do fragor da luta; é o ídolo, é a vitória, afinal!

Mitre, o general em chefe, não dá uma ordem, não pratica um feito, não arremessa um gesto que o prestigie, no comando daquelas armas que escreveram a história de Tuiutí!

Sampaio tomba entre os fantasmas da sua divisão encouraçada!

Tomba, mas não cede o terreno; tomba e daquele lugar, ergue-se, imortal como uma estrela, na memória agradecida da Pátria!

Ao cair da tarde, aquele mesmo sol ardente do zenith, agora, pinta, na aquarela do ocaso, a moldura escalarte daquela grandiosa vitória!

Viva o general Ozorio! gritavam frenéticos, todos os soldados da Aliança. Até os feridos erguiam-se, à custo, ao vê-lo passar, como um centauro, no galope desenfreado, de lança em punho e, contendo as dôres das suas feridas jorrantes, exclamavam a meia voz, como nula surdina de martírio!

— Viva o general Ozorio! As exclamações daqueles bravos guerreiros fôra a éco eterno da glória singular do vencedor de Tuiutí, que repercutirá, por todo o sempre, no coração dos brasileiros, o feito audaz do grande e invicto soldado!

Tuiutí não é apenas um episódio feliz e glorioso! É tôda uma história; é tôda uma época; é tôda uma síntese das virtudes cívicas de um povo; é tôda uma lição imortal de bravura, de patriotismo dos homens fortes que criaram esta Pátria e que nos legaram pelo seu sacrifício, pelo seu sangue e pelo seu amor, a glória de vivermos, lívres nesta terra abençoada onde nascemos!

O culto das datas históricas é a mais bela tradição dos povos dignos! E' como se fosse uma missa onde, todos nós, genuflexos, de joelhos vivos, nos inclinamos deante do Passado para nos levantar, depois, como os mais amantes desta terra, mais crentes dos seus destinos, mais fortes no nosso labor e mais conscientes de sua grandeza, mais perseverantes do seu futuro, mais brasileiros do que Nunca!

—:o:—